

## UMA REDE DE AMIGOS OU LIVROS? – O INL ENTRE O FUNCIONALISMO E A SOCIABILIDADE

MARIANA RODRIGUES TAVARES\*

**Resumo:** O ano de 1937 guardou muitas novidades. Foi o primeiro do Estado Novo de Getúlio Vargas e também a primeira vez que, na visão dos homens que o compunham, nós concretamente, nos “tornávamos” brasileiros. Enquanto Rodrigo Melo Franco de Andrade e o grupo de intelectuais modernistas mineiros discutia a definição de patrimônio para o recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), cabia ao ministro Gustavo Capanema e os intelectuais ao seu redor atribuir sentido também aos monumentos de papel, os livros. Nesse momento, cultura e nação unificavam-se, constituindo a definição do que era ser um legítimo brasileiro. No Brasil, inaugurava-se um período de ação de criação e preservação do patrimônio histórico, artístico e letrado fundado sobre sua identificação direta com o Estado. Aos intelectuais de Capanema coube a incumbência de monumentalizar a nossa história e eleger seus cânones. Ao Estado, a função de fundar instituições culturais dedicadas as mais diversas áreas. Munido no espírito dessa época e com os propósitos claros de organizar e publicar a *Enciclopédia Brasileira* e o *Dicionário da Língua Nacional* foi criado o Instituto Nacional do Livro. No entanto, este órgão jamais tirou do papel os planos que orientaram a sua fundação. Apesar de nunca terem sido cumpridos, o Instituto se revelou uma entidade pública repleta de intelectuais, disputas por legitimação e publicação. Nesta apresentação, procurarei evidenciar exatamente essas disputas e debates em torno da edição e do lançamento da *Enciclopédia* e do *Dicionário*. Além disso, procurarei salientar de que maneira a gestão de alguns editores, em especial, a de Augusto Meyer e a de Herberto Sales, garantiram a muitos autores e editores a possibilidade de publicarem suas obras, acionando o mecanismo da *rede de amizades*. Sendo assim, procuro discutir nessa apresentação as questões referentes às redes de sociabilidade no espaço público através da análise de correspondências e pareceres. Nesse sentido, pretendo propor uma discussão da viabilidade desse conceito para empregá-lo para o Instituto Nacional do Livro, pois se trata de uma instituição pública convivendo entre leis e a sociabilidade.

**Palavras-chave:** disputas intelectuais; produção editorial; Instituto Nacional do Livro.

**Abstract:** The year 1937 kept many novelties. It was the first of the Estado Novo of Getúlio Vargas and also the first time that, in the view of the men who composed it, we concretely, the "we became" Brazilians. While Rodrigo Melo Franco de Andrade and the group of miners modernist intellectuals discussed the definition of heritage to the newly created Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), it was up to the minister Capanema and intellectuals around him also assign meaning to monuments paper, books. At this time, culture and nation were united, constituting the definition of what was to be a legitimate Brazilian. In Brazil, inaugurated a period of action of creation and preservation of historical, artistic and literary heritage founded on their direct identification with the state. Intellectuals Capanema fell the task of monumentalize our history and elect its canons. The State, the role of founding

---

\*Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-graduação da UFF. Bolsista de mestrado CNPq com o projeto Editar a Nação e escrever sua História: Livros, projetos editoriais e disputas letradas no Instituto Nacional do Livro, 1937-1991 sob a orientação da professora doutora Giselle Martins Venancio. Email: [historia.mari@gmail.com](mailto:historia.mari@gmail.com).

cultural institutions dedicated several areas. Armed with the spirit of the age, with the clear purpose of organizing and publishing the Brazilian Encyclopedia and Dictionary of National Language, the Instituto Nacional do Livro was created. However, this institution has never taken the paper plans that guided its creation. Despite never having been met, the Institute has revealed a packed public entity intellectuals, disputes over legitimacy and publication. In this presentation I will attempt to highlight exactly these disputes and debates around the issue and the launch of the Encyclopedia and Dictionary. Also, try to point out how the management of some publishers, in particular Augusto Meyer and Herberto Sales, ensured many authors and publishers the ability to publish their works, the triggering mechanism of the network of friendships. Thus, to discuss that presentation matters relating to social networks in public space through correspondence analysis and opinions. Accordingly, I intend to propose a discussion of the feasibility of this concept to employ it for the Instituto Nacional do Livro, because it is a public institution coexisting between laws and sociability.

**Keywords:** intellectual disputes; editorial production; Instituto Nacional do Livro.

Que canção as Sereias cantavam, ou que nome Aquiles assumiu, quando se escondeu entre as mulheres, embora questões intrigantes, não estão além de toda conjectura. (ALLAN POE, 1996)<sup>1</sup>

(...) Quanto, especificamente, à elaboração da Enciclopédia, limitou-se a aceitar o “Plano” que trazíamos (submetido ao Conselho Consultivo de Alto Nível, ao qual, por iniciativa nossa, fora atribuída a fixação da programação editorial do INL e a preparar o programa executivo, em cujo cumprimento, como é notório, redondamente fracassou. Displicência, incompetência, má fé? (Umberto Peregrino declarando sobre José Galante de Souza, chefe da Seção de Enciclopédia e Publicação do Instituto Nacional do Livro)

Conjeturar ou conjeturar significa julgar por conjeturas, presumir, supor. Pelo menos, é assim que os verbetes apontam<sup>2</sup>. Seja por meio das palavras de um escritor inglês do século XVII ou mesmo através da indignação de Umberto Peregrino, o certo é que a história do Instituto Nacional do Livro está repleta de conjecturas. Como explicar o fato de que uma instituição criada com o propósito único de editar a Enciclopédia brasileira e o dicionário de língua nacional, nunca os tenha feito? Seria por displicência ou má fé? Jamais saberemos. Outra questão intrigante. Como se estruturava o funcionalismo público nestes cinquenta e quatro de existência do INL? O Instituto Nacional foi um órgão público ou uma instituição regida pela sociabilidade? Essas e outras indagações não estão além de toda conjectura, como bem apontou Thomas Browne. No entanto, o certo é que são elas que orientam a minha análise sobre o Instituto Nacional do Livro e a narrativa que aqui se desenrola nas próximas

<sup>1</sup>ALLAN POE, Edgar, 1996:10.

<sup>2</sup>Para este artigo foi utilizado como referência o seguinte dicionário: AMORA, 1999:166.

linhas. Ser-se-á possível chegar a uma resposta? Acredito que sim, mas só se ultrapassarmos toda a conjectura.

### **As origens da *Enciclopédia brasileira***

*As enciclopédias, em qualquer terra e tempo, são fecundos instrumentos de cultura.* (Andrade, *A Enciclopédia Brasileira*, 1993:18)

Mário de Andrade tinha razão ao afirmar que as enciclopédias são instrumentos de cultura. Em 1937 e nos anos subsequentes, a Enciclopédia brasileira do Instituto Nacional do Livro permeou as discussões dos intelectuais de Capanema, movimentando, principalmente, a Mário de Andrade, primeiro a se dedicar a tal empreitada. Para Mário, a Enciclopédia tinha de ser nacional, não importando se fosse culta tal qual era a italiana ou mesmo popular. A *Enciclopédia Brasileira* tinha de ser nacionalista, *não apenas pelo que de Brasil contiver nas suas páginas, mas ainda pelo serviço de cultura geral que tem de prestar à gente brasileira em sua tão variada generalidade* (ANDRADE, 1993:18). O Brasil precisava desenvolver sua arte, sua música, suas letras; era mais do que necessário ter uma ação sobre os jovens e as mulheres que assegurasse os valores da nação que se construía. Mário, Capanema e Drummond sabiam perfeitamente disso, mas a tarefa não era fácil e as relações mais complicadas ainda. Desde 1934, momento em que assumiu a direção do Ministério da Educação, Capanema estreitava as relações com Mário de Andrade ao convidá-lo a elaborar um projeto de lei de proteção às artes no Brasil e no ano seguinte o cargo de diretor do Departamento de Teatros no Ministério da Educação. No entanto, Mário recusou o convite alegando a preferência pelo Instituto Nacional do Livro e, conseqüentemente, pela *Enciclopédia Brasileira*. Contudo em 1939 a situação mudou bruscamente. Mário recusou o posto à frente da *Enciclopédia* por divergências quanto ao projeto e a execução do mesmo.

Desde então o modernista paulista atuou no Instituto Nacional do Livro de forma precária, tendo problemas inclusive com o pagamento de seu salário<sup>3</sup>. Esperava por outra nomeação que nunca aconteceu<sup>4</sup>. Desse período em diante, Mário levou a coordenação da

---

<sup>3</sup>As cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade quando do convite de Capanema indicam certa hesitação de Mário em aceitar o convite e destaca as relações complicadas que aconteceram nesse processo. Para maiores detalhes: SCHWARTZMAN, 2000: 97-122.

<sup>4</sup>Idem, SCHWARTZMAN, 2000: 97-122.

*Enciclopédia* até 1945<sup>5</sup>, ano de seu falecimento. Depois de Andrade, esse planejamento de publicação “adormeceu” para o Instituto Nacional do Livro. Um pouco mais tarde, nos anos 1950, não só, a *Enciclopédia brasileira* renasceu assim como os projetos de outras enciclopédias surgiram. Mas os tempos eram outros.

### **A década com Revistas, mas sem Enciclopédia.**

A Enciclopédia se destina principalmente a completar estudos e contribuir para a aquisição de conhecimentos do alto nível cultural, através do sistema de verbetes, evitando-se o excesso de informações de caráter especializado. (Correio da Manhã, 20 de Maio de 1956)

Essa foi a promessa para o ano de 1956. No entanto ela jamais se concretizou. Na década de 1950, no Instituto Nacional do Livro, as revistas ganhavam espaço. José Renato Pereira, o novo diretor, escolheu o momento propício para lançar o INL em revista. O ano de 1956 guardava, não só, a novidade do presidente bossa-nova recém-eleito, mas era o momento de relembrar e exaltar o nome de Machado de Assis. Nessa data comemorava-se o 117º aniversário do escritor, e a Revista do livro não deixaria de prestar a sua homenagem. No que se refere à Enciclopédia brasileira, ela ainda continuou sendo um plano não publicado do Instituto. No ano seguinte, em 1957, a publicação também não saiu. Um ano após, o dilema continuava. O Correio da Manhã de dezembro de 1958 ainda noticiava os preparativos para a publicação da *Enciclopédia brasileira* e já apontava o aumento do número de outras publicações, mas o foco ainda se mantinha na elaboração da Enciclopédia.

É natural, informou o professor Euryalo Canabrava, que consideremos, primeiramente, nossa grande obra: a Enciclopédia Brasileira cujo plano geral elaboramos juntamente com o Sr. Paulo Assis Ribeiro. As normas que regerão os trabalhos nesse setor já se encontram concluídas, estando uma equipe de pesquisa de verbetes executando as tarefas iniciais, depois de haver seus componentes passado por um período de treinamento teórico e prático, no qual puderam aquilatar das responsabilidades que estão assumindo para com a cultura nacional.

O fato de a Enciclopédia Brasileira do Instituto não ser publicada, não impediu que outras produções congêneres fossem lançadas. A primeira delas data ainda de 1956 e

---

<sup>5</sup>FONSECA, 1972: 6.

corresponde a publicação do *Dicionário Popular Brasileiro* de Alarico Silveira<sup>6</sup>. Dois anos mais tarde, em 1958, o Instituto Nacional do Livro lançava o primeiro tomo da *Enciclopédia Brasileira* do mesmo Alarico Silveira, sob a organização de Américo Jacobina Lacombe. Um ano antes, em 1957, o INL publicava outra enciclopédia. Tratava-se do texto de Euryalo Cannabrava e Paulo Ribeiro de Assis reunido na *Enciclopédia brasileira; introdução, diretrizes, normas gerais*<sup>7</sup> com o prefácio do próprio José Renato Pereira.

Mais adiante, nos anos 1960, a Enciclopédia Brasileira continuou sendo um plano adormecido do Instituto Nacional do Livro. No entanto vários projetos de enciclopédias internacionais ganhavam terreno Brasil. A *Enciclopédia Barsa* foi lançada no Rio de Janeiro e em São Paulo em 1964 e contou com a supervisão dos editores de outra enciclopédia: *Enciclopédia Britannica*, tendo como editor principal Willian Benton. Escreveram para esta obra intelectuais como Antonio Callado, redator-chefe, Sérgio Buarque de Holanda e Raquel de Queiroz. Além da britânica, tivemos também o lançamento nos anos 1960 da *Enciclopédia Delta* e a *Encyclopédie Larousse Méthodique*.

Ainda na década de 1960 muitas modificações aconteceram englobando desde o quadro de diretores até a política de ações na publicação de livros. Era o tempo dos militares no governo do país. O Brasil dava adeus à democracia e mergulhava nas águas profundas de uma ditadura. À direção do INL coube a um militar e a *Enciclopédia brasileira* continuou a não passar de um plano inexecutável.

### Da Enciclopédia às coedições

De nossa parte, cabe-nos finalmente fixar a propósito da Enciclopédia que ao INL cumpre elaborar e publicar: não faltamos ao nosso dever, pois adotamos um plano de trabalho válido e objetivo. Pusemos o plano em prática. Recolhemos resultados concretos. Passamos esse resultado a nova direção do INL. Resta-nos aguardar, por nossa vez, os resultados do que esta venha a fazer. (Jornal do Commercio, 4 de julho de 1970)

Ao que parece a Enciclopédia brasileira foi alvo de muitas discussões e polêmicas, sobretudo, quando da saída do general Umberto Peregrino do cargo de diretor de Instituto Nacional do Livro. Durante a sua gestão que durou apenas três anos, de 1967-1970, a Enciclopédia brasileira continuou não sendo publicada e seus planos envoltos em embates de toda ordem. Tais discussões não resolveram as questões relacionadas ao respectivo projeto

<sup>6</sup>Alarico Silveira (1878-1943) foi um educador paulista reconhecido pela sua dedicação profissional a escrita de uma Enciclopédia Brasileira.

<sup>7</sup>Para maiores esclarecimentos ver: CANNABRAVA, 1957: 183.

que chegava aos anos 1970 sem nenhum volume publicado e com a nova gestão de Maria Alice Barroso a frente do Instituto Nacional do Livro. Na década de 1970, o objetivo era resgatar o nacional estatismo brasileiro em tempos de reformulação do regime militar<sup>8</sup>, o presidente Médici e o ministro Jarbas Passarinho anunciavam para os anos 1970 o programa de coedições do Instituto Nacional do Livro numa parceria com as editoras privadas. As primeiras casas editoriais que firmaram esse acordo foram: *Tecnoprint; Melhoramentos; J.Olympio; Cultrix; Agir; Lia; Coordenada de Brasília; Lidador; Livros no Mundo Inteiro; Conquista; Brasiliense; Quatro Artes; Paz e Terra; José Álvaro; Grifo; Ática; Globo; Laudes; Expressão e Cultura; Tempo Brasileiro; Bruguera; Bonde; Civilização Brasileira; Leitura; Cátedra; Nosso Tempo; O Cruzeiro; GRD; Poster Graph; Editora Record; Renes Ltda; Brasília S.A; Livro Místico e Cadernos Didáticos*. Quanto à enciclopédia, esta ficou esquecida em meio aos pareceres do Instituto.

Com a política de controle das publicações por meio das coedições, o Estado dominava a circulação de obras pelo mercado editorial brasileiro como assegurava para as editoras o selo de trânsito livre das edições de seus autores. Em 1973, a seção de Enciclopédia e de Publicação foi extinta. No ano seguinte, a única “menina” do Instituto, Maria Alice Barroso, deixava a direção sem a enciclopédia ter tido algum de seus volumes lançados. O caminho estava livre para o escritor/garimpeiro<sup>9</sup> de *Cascalho*, Herberto Sales. Personagem incomum, o nosso mais novo diretor foi capaz de aproximar polos distantes da sociedade brasileira. O Instituto alcançava o auge das coedições e a *enciclopédia* permaneceu empoeirada, não passando de um plano esquecido da instituição.

### **Uma rede de amigos, livros e muita sociabilidade**

O fato é que com ou sem a *Enciclopédia brasileira*, o Instituto Nacional do Livro foi um espaço de sociabilidade. Esta última entendida como uma prática extensiva a cargos, cartas, reuniões, pareceres e muitas coedições. Um exemplo ilustrativo da prática da sociabilidade<sup>10</sup> pode ser vista por meio da nomeação do historiador José Honório Rodrigues para o cargo de assistente de Sérgio Buarque de Holanda, chefe da Seção de Publicações do

---

<sup>8</sup>Sobre a retomada do nacional estatismo pela Ditadura civil militar, ver: REIS FILHO, 2014.

<sup>9</sup>Para maiores informações sobre a trajetória intelectual de Herberto Sales ver: SOARES, 2013.

<sup>10</sup>Para uma definição aprofundada do conceito de sociabilidade ver: GOMES, 1999.

Instituto Nacional do Livro, de 1939-1946. Em carta datada de 23 de maio de 1938 endereçada a Augusto Meyer, diretor do INL, Luiz Aranha afirmava:

Presado amigo Augusto Meyer

Tomo a liberdade de apresentar-lhe o Snr. José Honório Rodrigues, que pretende uma colocação no Instituto Nacional do Livro, e para o qual peço uns momentos de sua preciosa atenção.

Certo de que fará tudo que estiver ao seu alcance para atender meu apresentado, peço-lhe que receba um abraço do amigo certo,  
Luiz Aranha.

O certo é que tendo sido ou não por intermédio da indicação de Luiz Aranha, José Honório Rodrigues atuou no Instituto Nacional do Livro entre os anos de 1939 a 1944<sup>11</sup>. Para além das nomeações, a correspondência de Luiz Aranha também é outro caso revelador da sociabilidade, uma vez que, tanto Aranha quanto Meyer, diretor do INL, foram membros da Sociedade Sul Riograndense, localizada no Rio de Janeiro e outro exemplo de espaço de sociabilidade.

Alguns anos mais tarde, durante o período áureo das coedições, relações até então impensáveis entre a esquerda e a direita aconteceram. Aproximaram diretores, editores e foram responsáveis por muitos casos de coedição. Nos anos 1980, o editor Ênio Silveira endereçou a seguinte correspondência ao diretor do Instituto Nacional do Livro, Herberto Sales,

Nosso caminho, por isso, é necessariamente áspero e cheio de riscos. Mas prosseguiremos sempre, com dedicação quase religiosa à causa da cultura brasileira, porque algumas pessoas que contam, âmbito oficial e/ou privado, nos estão dando considerável apoio moral e material. (Carta de Ênio Silveira a Herberto Sales, grifos do autor)

Nesta época, indubitavelmente, o caminho dos militantes de esquerda eram ásperos e quase sempre tortuosos. Entretanto ainda que difíceis, os obstáculos nunca foram intransponíveis, pelo menos, não entre Herberto Sales e Ênio Silveira.

Por certo que Ênio e Herberto devem ter se conhecido nos círculos letrados do estreito universo intelectual. Tanto um quanto o outro se iniciaram desde muito jovens nos meios da produção e da circulação dos impressos. No caso de Herberto Sales<sup>12</sup>, o trabalho no

<sup>11</sup>Para maiores detalhes sobre a trajetória de José Honório Rodrigues ver: IGLÉSIAS, 1988: 55-78.

<sup>12</sup>**Herberto Sales** (1917-1999) foi jornalista, contista, romancista e memorialista. Após a publicação de seu romance de estreia *Cascalho* em 1944, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro onde residiu até o ano de 1974 quando assumiu a direção do Instituto Nacional do Livro. No INL permaneceu até 1985. A partir de 1986, por quatro anos, morou em Paris servindo como adido cultural à Embaixada Brasileira. Regressando ao Brasil, mudou-se para a cidade de São Pedro da Aldeia onde faleceu em 1999.

jornal *O Cruzeiro* e nos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand certamente lhe garantiu visibilidade. Até a atuação nos jornais, posterior a 1948, Herberto havia trabalhado como comerciante e garimpeiro na região do Andaraí, Bahia. A notoriedade de Sales só foi possível mais tarde quando do lançamento de seu primeiro romance, *Cascalho*, e de sua transferência para o Rio de Janeiro.

Diferentemente de Herberto, Ênio Silveira iniciou a carreira com condições sociais um pouco mais propícias ao universo letrado. Nasceu numa família tradicional paulista em que o avô fora Secretário da Educação, da Justiça e da Segurança Pública do Estado de São Paulo, deputado estadual, membro da Academia Brasileira de Letras e um dos autores editado pela Companhia Editora Nacional. Além do avô Valdomiro Silveira, o tio Alarico Silveira, foi secretário da presidência de Washington Luís e ministro do Superior Tribunal Militar. Outra familiar, Dinah Silveira de Queiroz, prima do nosso editor, foi uma importante romancista, premiada pela Academia Paulista de Letras e editada pela livraria e editora José Olympio. Somada a poderosa herança intelectual familiar, Ênio Silveira, ainda durante os estudos universitários, obteve seu primeiro emprego como revisor no jornal *Folha de São Paulo*. Em 1944, conheceu Monteiro Lobato, então diretor da Cia. Nacional, que o apresentou a Octalles Marcondes Ferreira<sup>13</sup>. Essa apresentação rendeu a Silveira a ocupação de um cargo melhor na casa editorial proporcionada pelo fato de seu avô ser um dos principais editados da Nacional. Neste mesmo ano, Herberto Sales estreava com o romance *Cascalho*, sua principal obra e se transferiria para a cidade do Rio de Janeiro.

Nos anos 1950, Ênio Silveira se tornou responsável pela editora Civilização Brasileira, inicialmente enquanto um segmento da Companhia Editora Nacional no Rio de Janeiro. Ao longo das duas décadas, Silveira publicou no catálogo da Civilização obras consagradas da literatura universal, incentivou novos escritores e deu espaço a obras de cunho marxista. A relação com a Nacional foi ainda mais estreitada, sobretudo, com o casamento de Ênio com uma das filhas de Octalles. Sendo assim, em 1963 a Civilização Brasileira passara oficialmente para as mãos de Ênio Silveira.

Após o Golpe de Estado, a editora Civilização Brasileira passou a ser o alvo de inúmeras iniciativas repressivas de o governo militar. Quando da primeira medida jurídica da ditadura, o Ato Institucional nº1, de 9 de abril de 1964, o governo militar, além de cassar os mandatos legislativos de deputados federais, senadores e vereadores, suspendeu por dez anos os direitos políticos de cerca de quatrocentas pessoas, entre as quais estavam Ênio Silveira,

---

<sup>13</sup>Para maiores detalhes ver: FERREIRA, 1992.



Edmar Morel, Guerreiro Ramos, Franklin de Oliveira e Nelson Werneck Sodré, todas consideradas ameaças em razão de suas atuações políticas de esquerda.

Enquanto isso, Herberto Sales atingia o cume de sua carreira intelectual. Em 1971 ingressou na Academia Brasileira de Letras se tornando o quarto ocupante da cadeira de nº 3 na sucessão de Aníbal Freire da Fonseca e sendo recebido por Marques Rebelo, amigo de longa data. Cerca de três anos depois do sucesso na ABL, em 1974 assumiu a direção do Instituto Nacional do Livro. Herberto, o novo diretor, deu continuidade ao programa e o transformou no maior “sucesso” do Instituto.

No ano de 1975, decorridos dez anos do episódio da “feijoada subversiva”<sup>14</sup> de 1965, ao que parece, a nossa “Civilização” também solicitou o convênio com o INL para a publicação da obra de João Antônio, Malagueta, *Perus e Bacanaço*. Apesar de um homem de posições políticas claramente esquerdistas como as de Ênio, o parecer conferido por Adonias Filho destaca as qualidades do texto e vota a favor do convênio com as seguintes palavras:

Parecer nº 1404/75  
Malagueta, Perus e Bacanaço  
João Antônio  
Editora Civilização Brasileira S.A  
Ficção  
Parecer

O sucesso de crítica e público que o livro de João Antônio provocou – quando do lançamento inicial – já bastaria para justificar o convênio com o INL. Situado efetivamente na linha dos ficcionistas que tomam a vida no cotidiano para acioná-la em termos episódicos, o A. é sobretudo um incomum caracterizador de figuras.

E, se integrado nesse moderno realismo que reafirma a “ficção do testemunho”, nem por isso perde o direito de certa transfiguração que nele é parte da vocação literária. A linguagem, finalmente, assim direta e objetiva, já atesta o escritor realizado.

Voto a favor do convênio.  
Adonias Filho.  
Rio de Janeiro, 4 de junho de 1975.

A este parecer teríamos de acrescentar outro também da Civilização Brasileira datado de 1970, em que a diretora do Instituto Nacional do Livro, Maria Alice Barroso vota a favor do convênio entre o INL e a editora para a coedição do livro “Obra completa de Oswald de Andrade”. Muito além da relação entre comissão de pareceristas e editoras, foi a relação entre Ênio Silveira e a de Herberto Sales.

Retomando as discussões acerca das conjecturas, pode-se afirmar que o Instituto Nacional do Livro esteve atrelado às discussões de nacionalidade, se considerarmos as próprias razões de sua fundação em dezembro de 1937: “*Organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, revelando-lhes as sucessivas edições e Editar*

<sup>14</sup>Esse episódio em questão ocorrera em razão de um almoço organizado por Ênio Silveira e oferecido a Miguel Arraes. Poucos dias depois, o IPM acusaria Silveira de estar acobertando planos de fuga do pernambucano.

toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional”<sup>15</sup>. Ao mesmo passo, as relações de amizades, inimizades, além de determinarem os cargos a serem ocupados, foram muito definidoras das políticas de publicação dos livros. Ainda que submetido às determinações estatais, o Instituto Nacional do Livro foi um órgão federal que provou estar além de todas as conjecturas.

## Referências Bibliográficas

- ALLAN POE, Edgar. *Os assassinatos na rua Morgue*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996;
- AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 1999;
- CANNABRAVA, Euryalo & RIBEIRO, Paulo de Assis. *Enciclopédia Brasileira; introdução, diretrizes, normas gerais*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957, 183 p. Prefácio de José Renato Pereira;
- FERREIRA, Jerusa Pires (org.). 1992. *Ênio Silveira*. São Paulo: Edusp, Com-Arte (Editando o Editor; v.3);
- FONSECA, Edson Nery da. *O Negócio das Enciclopédias*. Revista de Ciência da Informação, v.1, n.2, 1972;
- GOMES, Angela Maria de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999;
- IGLÉSIAS, Francisco. *José Honório Rodrigues e a Historiografia brasileira*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.1, 1988, pp.55-78;
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014;
- SCHWARTZMAN, Simon. A ação cultural. In: *Tempos de Capanema*. Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny, Vanda Maria Ribeiro Costa. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, pp. 97-122;
- SOARES, Fernanda Pereira. *Autoritarismo, tecnocracia e natureza: representações da pátria brasileira em o fruto do vosso ventre*, de Herberto Sales (1976). Porto Alegre, PUCRS, dissertação de mestrado, 2013.

### Fontes:

- Correspondência de Ênio Silveira a Herberto Sales. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1980;
- Correspondência de Ênio Silveira a Herberto Sales. Rio de Janeiro, 1981;
- Decreto-Lei nº93 de 21 de dezembro de 1937;
- Jornal *Correio da Manhã*, 29 de maio de 1965;

---

<sup>15</sup>Decreto-Lei nº 93 de 21 de dezembro de 1937, grifos meus.

Jornal do Commercio, 4 de julho de 1970;  
Parecer do INL, 04 de junho de 1975;  
*Revista do Livro*, ano XIII, 4º trimestre, nº43, 1970.